


# A reinvenção de uma tradição no protestantismo brasileiro:

PAULO BARRERA RIVERA

PAULO BARRERA  
RIVERA é professor da  
Umesp.

## a Igreja Evangélica Brasileira entre a Bíblia e a Palavra de Deus



Na introdução ao clássico livro *A Invenção das Tradições* Eric Hobsbawm afirma que “na medida em que há referência a um passado histórico, as tradições ‘inventadas’ caracterizam-se por estabelecer com ele uma continuidade bastante artificial” (1997, p. 10). A Igreja Presbiteriana foi um dos primeiros protestantismos a se estabelecer no Brasil num período que viu o país transitar do Império para a República. Logo nas primeiras décadas de trabalho missionário entre Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais, as lideranças dessa igreja tiveram que encarar interpretações heterodoxas de algumas de suas principais tradições. O conflito levou ao êxodo de um grupo de famílias identificadas com as convicções religiosas de Miguel Vieira Ferreira, presbítero dessa igreja, que acabou fundando uma nova tradição religiosa. A nova igreja foi nomeada Igreja Evangélica Brasileira e iniciou as suas atividades em setembro de 1879. Depois de 126 anos essa igreja apresenta uma bem consolidada tradição religiosa. Como

toda tradição, ela é fruto de um longo processo social de interpretações e reinterpretações de suas origens, até alcançar legitimidade e eficácia para passar de uma geração para outra. O objetivo principal deste artigo é analisar esse processo de invenção, construção e institucionalização da nova tradição religiosa. Previamente, procuramos na biografia do fundador e na sua passagem rápida pelo protestantismo presbiteriano elementos culturais que ajudam a entender as principais características que essa igreja apresenta na atualidade (1).

A Igreja Evangélica Brasileira (IEB) tem sido objeto de pouca atenção por parte dos pesquisadores. O prof. Émile-Guillaume Léonard, durante seus breves anos no Brasil (1949-51), como professor de história moderna na Universidade de São Paulo, visitou e observou com muita atenção a IEB. Os líderes e membros dessa igreja o receberam com muita atenção (2) e admiração ao saberem que se tratava de um professor francês. Alguns anos mais tarde Léonard publicou as suas observações sobre a Igreja Evangélica Brasileira como parte do ensaio *L'Illuminisme dans un Protestantisme de Constitution Récente (Brésil)* (1953). Na época em que Léonard pesquisava no Brasil, essa igreja estava em processo de reinterpretação de suas origens. A posterior definição desse processo não pôde ser percebida por Léonard. Também, já se passou mais de meio século desde que Léonard observara e escrevera sobre a Igreja Evangélica Brasileira. Muitas coisas mudaram no processo de reinvenção da nova tradição e este artigo pretende abordar essa questão.

## BIOGRAFIA FAMILIAR E VISÃO DE MUNDO NA FUNDAÇÃO DE UMA RELIGIÃO

Na procura das razões que explicassem o interesse, aparentemente repentino, da família Vieira Ferreira pelo protestantismo,



Reprodução

fomos levados a estudar a biografia de Miguel Vieira Ferreira (MVF) anterior à sua entrada na Igreja Presbiteriana. Destacamos, a seguir, as características sociais e culturais da família em que nasceu MVF (3).

A mãe, Luiza Rita Vieira da Silva Ferreira, era maranhense, filha do coronel Luiz Antonio Vieira da Silva, de origem portuguesa, e de dona Maria Clara de Souza Vieira, brasileira e filha de outro coronel, José Antonio Gomes de Souza, tio do famoso “Souzinha”, também descendente de portugueses, que chegou a ser

1 Este artigo é parte de uma pesquisa de pós-doutorado terminada em 2002 graças ao auxílio da Fapesp. A biografia intelectual de Miguel Vieira Ferreira, assim como as suas relações, de aproximação e distância, com o positivismo organizado das últimas décadas do século XIX não as incluímos aqui por não serem de interesse da questão central deste artigo.

2 Os líderes e membros dessa igreja são muito atenciosos com as visitas. Na nossa pesquisa de campo também fomos muito bem recebidos e atendidos, em todas as congregações que visitamos.

3 Deixamos de lado, por razões de espaço, a sua formação nos centros educacionais do Rio de Janeiro, onde estudou até obter o título de doutor em Física e Matemática.



**À esquerda,  
Jesus e São  
João Batista  
Menino, de  
Murillo**

Não encontramos informação sobre os vínculos da família da mãe de MVF com a maçonaria (4).

O pai de MVF, Fernando Luiz Ferreira, nasceu em São Luís do Maranhão, assentou praça nessa cidade em setembro de 1820 e “foi reconhecido como cadete de primeira classe”. Foi promovido a segundo-tenente de artilharia em março de 1821. Durante a guerra da independência esteve destacado em Caxias, comandando a força de artilharia. Foi promovido a capitão em 1824, mas só lhe foi confirmado em 1831. Estudou o curso completo de ciências matemáticas e físicas na antiga Academia Militar do Rio de Janeiro. Na corte foi professor de desenho de máquinas no Colégio de D. Pedro II. Em 1833, passou a comandar o corpo de artilharia no Maranhão. Durante a revolta da Balaiada (1838) fez as fortificações no Icatu e Alto das Carneiras. Em 1840 foi encarregado de fundar uma colônia indígena. Em 1857, nomeado presidente do Conselho Administrativo do Império, serviu por 10 anos até a extinção desses conselhos. Em 1864 foi nomeado diretor da Escola Agrícola do Maranhão, e um ano depois diretor de Obras Públicas (5). O pai de MVF tinha uma vocação pedagógica que aplicou na alfabetização de seus próprios filhos. MVF só foi para uma escola à idade de 14 anos, quando entrou no Liceu. Toda a instrução prévia recebeu em casa. Na primeira metade do século XIX chegavam ao Brasil novas correntes pedagógicas e apenas começavam a cobrar forma algumas idéias a respeito da educação pública. MVF afirma ter sido alfabetizado pelo pai através do “método de Jacotot”. As reflexões de Jacotot a respeito do método de ensino chegaram cedo a São Luís do Maranhão. Sem entrar nos detalhes do pensamento pedagógico de Jacotot basta aqui dizer que seu método partia da afirmação de que o papel do professor era acessório e que o aluno era suficientemente capaz de aprender pelos seus próprios meios. Professor que se considerasse indispensável escondia, de maneira mais ou menos sutil, o convencimento de que o aluno é incapaz de aprender sem o professor (Rancière, 1987).

deputado do Parlamento Imperial entre os anos 1857 a 1863. A mãe teve participação no desenvolvimento da leitura de MVF, pois conta ele que entre os 6 e os 13 anos lia para “a mãe ouvir”. A família de Luiza Rita estava vinculada a importantes pessoas da elite intelectual, política e militar. O pai de Rita, Luiz Antonio Vieira da Silva, avô de MVF, foi deputado da Assembléia Provincial do Maranhão (1860-61), deputado pelo Maranhão no Parlamento (1864-67), senador a partir de 1871, e entre 1882 a 1889 foi membro do Conselho de Estado.

4 Ver: Vieira, 1980. Há informação que esse autor oferece sobre a família de MVF que as fontes nas quais ele se apóia não a confirmam. Por exemplo, afirma que Luiz, o irmão de MVF, estudou na França (Vieira, 1980, p. 153). Essa é uma informação sem provas. Não há indícios desse fato. Gueiros Vieira imagina essa viagem na tentativa de explicar a origem das idéias modernas na família de MVF. Curiosamente, esse autor diz, na mesma página, que “não se sabe desde quando os dois irmãos nutriam idéias republicanas”. Gueiros Vieira imagina um período de estudos de Luiz na França, talvez a partir de uma carta de MVF a Luiz, na qual lhe diz: “visto como te achas muito afastado d’aqui”. A carta é de 1866, quando Luiz se encontrava participando da guerra com o Paraguai. Na verdade eram três irmãos: Luiz, Miguel e Joaquim. Houve, sim, uma tentativa de viagem à Europa, mas de Joaquim, e foi frustrada (ver: Ferreira, 1966, p. 71).

5 Os dados sobre os pais de MVF os tomamos de: Prado, 1974, pp. 29 e segs.



Miguel considerava seu pai um patriota, independentista, injustiçado pelo exército:

“Fernando Luiz Ferreira, verdadeiro patriota e meu amado pai, é aquele que, na sua mocidade, em verdes anos, pugnou pela independência do Brasil no Maranhão, naquele recanto em que se achava e que, expondo sua vida como independente e contemplado rebelde perante o que era, então, a legalidade, porque era militar, já na luta que se travou pela liberdade, alcançou por merecimento, as patentes de tenente e capitão que D. Pedro I não lhe quis depois confirmar, porque feita a independência, os mais perseguidos, abandonados ou esquecidos por esse príncipe, já imperador, foram justamente aqueles que mais trabalharam pela liberdade da pátria. Muitos voltaram às divisas de sargento depois de terem subido à patente de tenente-coronel, como aconteceu com um bravo do Ceará, cujo nome me escapa nesta ocasião; mas meu pai suportou tudo sem se dobrar” (Prado, 1974).

Fernando Luiz Ferreira teve que esperar sete anos para receber a confirmação da patente de capitão. Para MVF foi de grande inspiração o seguinte incidente. O governo lhe recusou, a Fernando Luiz Ferreira, a confirmação do posto de capitão e até os

soldos a que tinha direito. Proibiu-lhe que usasse as insígnias de capitão e em certa ocasião, tendo recebido a ordem de apresentar-se no quartel-general fardado com as insígnias de segundo-tenente, respondeu: “Sua Majestade, o Sr. D. Pedro I, pode tudo, até mandar fuzilar-me, mas não pode forçar-me a pôr umas dragonas que já me honraram, mas que hoje me degradariam” (Ferreira, 1991, p. 25).

Fatos exemplares da vida do pai inspiravam MVF ainda no seu trabalho pastoral à frente da IEB. Em 1881 refere-se a seu pai com as palavras seguintes: “Esse modelo vivo de justiça e caridade que tive sempre ao meu lado e diante de meus olhos; esse caráter nobre e firme, que nunca recuou diante de obstáculos quando se tratava da prática da justiça e do cumprimento do dever” (Ferreira, 1991, p. 25) e umas páginas mais adiante:

“Nesta escola de honradez, independência e nobreza fui educado desde minha infância. Sempre lhe ouvi dizer: ‘eu vivo de honra e não de dinheiro’; e reprovar certa mãe que dizia ao filho: ‘quem não rouba não tem e quem não tem não é ninguém’. São inúmeros os seus atos de abnegação, honradez e patriotismo, verdadeira justiça e real caridade que lhe vi praticar. Com ele aprendi a não pôr o meu coração em coisas efêmeras e abjetas” (Ferreira, 1991, p. 26).

O exemplo do pai tinha em MVF forte influência. É importante notar que em 1881, quando já era pastor da IEB, Miguel Vieira Ferreira fazia uma leitura desse passado exemplar vinculando-o à sua vocação pedagógica religiosa presente. No mesmo texto antes mencionado Ferreira afirma que cita esses exemplos do passado com o objetivo seguinte:

“Para fazer contraste com os que encontramos em geral no presente; e para que sirva de avigorar a nossa mocidade e a minha própria descendência, a quem desejo e espero transmitir as virtudes de nossos maiores, e as bênçãos que de Deus tenho recebido. – Cito-os para o bem meu e do

nosso país, onde os homens parecem ter esquecido completamente os caminhos de retidão e justiça tal qual se acham na Palavra de Deus, a Bíblia, que eles odeiam sem ter lido, mas que em verdade, de antemão, os condena, e isso de tempos os mais remotos” (Ferreira, 1991, p. 27).

Os escritos de MVF dessa época, década de 1880, começam a mostrar já as marcas da predestinação calvinista que herdou de sua passagem pelo presbiterianismo. Voltaremos sobre essa questão mais adiante; por enquanto interessa assinalar a força que ainda tinha o modelo exemplar aprendido em casa e a leitura que MVF fazia desse passado familiar num contexto marcado pelo trabalho pastoral à frente da Igreja Evangélica Brasileira.

A admiração pela vida exemplar do pai é anterior ao trabalho religioso de MVF. Tal como se aprecia na seguinte citação. Mas parece ter se tornado mais forte com motivo do trabalho pastoral. Numa sorte de balanço sobre a vida de seu pai Miguel Vieira Ferreira disse:

“Vossa vida tem sido um complexo de contínuos sofrimentos; homem de talento tendes sido deprimido pelos ignorantes; homem de instrução tendes estado em um esquecimento quase completo; homem de honra tendes arrastado todas as dificuldades da vida sem vos arredardes de vossos princípios, e até em vossa honra, sempre respeitada no Maranhão, a escorea já ousou tocar!” (6).

Dois dados tomados de períodos diferentes da vida de MVF podem ser destacados das marcas socioculturais que ele carregava consigo desde antes de sua chegada ao protestantismo. Um desses dados corresponde à infância e segundo a própria interpretação feita pelo MVF já adulto. O outro dado biográfico é de 1861, dois anos depois de sua formação na Escola Militar do Rio de Janeiro.

A carta anteriormente citada revela as qualidades de orador que MVF teve oportunidade de desenvolver desde menino. Conta Ferreira (1861) que, quando estudava no Liceu de São Luís do Maranhão, seus mestres, “ou por simpatia ou pelo quer que fosse, me contemplaram como um dos alunos mais dignos de atenção, e como tal, me faziam dar lições perante o inspetor da instrução pública; e, mais de uma vez, pelos meus exames, respondi à confiança que em mim depositavam”.

Também o *Álbum de Portugueses e Brasileiros Eminentes* (7) registra que com motivo da publicação de seu *Ensaio sobre Philosophia Natural* Miguel Vieira Ferreira manteve uma longa audiência pública com o imperador D. Pedro II, que se despediu dele afirmando: “Continue a estudar e se esforçar. O senhor é um moço de talento, de quem o país tem muito a esperar; a Pátria necessita de homens como o senhor”.



6 Carta de Miguel Vieira Ferreira a seu pai, publicada como prefácio ao *Ensaio sobre Philosophia Natural ou Estudos Cosmológicos* (Ferreira, 1861).

7 Fasc. XVII, Lisboa, 1891, p. 23.



## PRÉ-PROTESTANTISMO DE MIGUEL VIEIRA FERREIRA

Ferreira tinha extraordinárias qualidades como orador, que, como vimos, foram desenvolvidas desde a infância. Dois discursos, que a seguir analisamos, revelam eloquência e facilidade de comunicação com o público de ouvintes. Recursos esses muito importantes e comuns na prática evangelizadora inicial dos protestantes. O primeiro discurso é de 1868 e foi dirigido aos maranhenses, especialmente à “classe dos artistas”, no contexto das atividades sociais de Ferreira na sua terra natal. O segundo discurso é de 1873, ano anterior à entrada de MVF no presbiterianismo. Foi proferido como motivo da inauguração da “Escola do Povo”. Esses discursos revelam de maneira clara suas habilidades como orador e o bom uso desses recursos com propósitos docentes. Essas qualidades ajudam a explicar por que MVF teve uma ascensão meteórica entre as lideranças da Igreja Presbiteriana. Tudo indica que a sua experiência prévia como orador e maestro facilitou um rápido reconhecimento por parte do grupo religioso. Mas também decorre disso a facilidade para se sentir com direito a certa autonomia a respeito da interpretação das doutrinas e das tradições religiosas. Como se sabe, Ferreira sentiu-se livre para falar e ensinar a revelação recebida diretamente de Deus, sem passar pela mediação exclusiva da Bíblia. MVF era homem de idéias, bastante racional, orador convincente e entusiasta militante das causas que perseguia.

O missionário Blackford, pastor da Igreja Presbiteriana da Barreira no Rio de Janeiro, refere-se a MVF com as seguintes palavras: “Trata-se de um homem inteligente, ativo, que possui uma instrução incomparável..., incrédulo declarado que ensina abertamente e a viva voz suas idéias, em conferências públicas oferecidas nas noites numa escola da qual era o diretor” (8). Considerando todas essas qualidades a serviço da hegemonia de uma nova interpretação

da tradição religiosa será fácil imaginar o surgimento de conflitos com os líderes da Igreja Presbiteriana. Há razões, pois, para afirmar que a presença de MVF na Igreja Presbiteriana era atípica e tinha todas as condições para torná-lo forte concorrente de qualquer liderança e com potencial suficiente para gerar nova interpretação da “verdade” religiosa.

### DISCURSO DIRIGIDO À “CLASSE DOS ARTISTAS”

O discurso é de maio de 1868. Nele MVF se revela como um patriota, brasileiro interessado no progresso de seu país e da sua terra, o Maranhão. Destaca-se a referência a seu pai, que, como sublinha Ferreira, colocava acima de tudo o “bem comum”. Miguel Vieira Ferreira tinha voltado do Rio de Janeiro para São Luís em 1864, atacado de uma forte pulmonia. Em 1866 publicou um folheto titulado *Considerações sobre o Progresso Material da Província do Maranhão* (9), trabalho que foi muito bem recebido pelos maranhenses, de maneira especial pela “classe dos artistas”, que em maio de 1868 lhe dirigiram uma carta agradecendo “pela brilhante e luminosa preleção feita no dia 22 do mês passado no Theatro S. Luiz – visto que as idéias ali emitidas são altamente favoráveis à classe dos artistas”.

Ferreira se define então como “brasileiro amante de meu país, maranhense dedicado ao torrão que me viu nascer”. Ele é um intelectual disposto a colocar seus conhecimentos a serviço do progresso de sua terra. A motivação e a explicação dessa disposição encontram-se, como ele próprio diz, na vida exemplar de seu pai:

“Desde a infância educado nos princípios de trabalho e de amor à Pátria; com esse mesmo fundo moral que pertence a outro maranhense que também conheceis, meu pai o tenente-coronel Fernando Luiz Ferreira, predicados que me foram incutidos gradualmente por palavras e por exemplos”.

8 Carta do rev. Blackford à sede da Missão Americana (apud Léonard, 1953, p. 21).

9 O conteúdo dessa publicação, de 108 páginas, na verdade um livro (mais que um folheto), não cabe analisar neste artigo.

Ferreira encerra o discurso afirmando “A minha bússola marcar-me-á sempre o bem comum; o meu norte será a felicidade dos povos. Ajudai-me, supri o que me falta em forças; e o futuro contemplará esta atualidade”. As suas qualidades como líder são evidentes. Nele juntavam-se as qualidades como orador, o prestígio por causa de sua formação intelectual, e seu amor e dedicação pela sua terra. Nessa época fundou o jornal *O Artista*, que administrava junto com seu irmão Luiz e com seu pai. Esse jornal revela que “o jovem doutor” tornou-se um conferencista muito apreciado nessa cidade, pois reunia muita gente para escutá-lo no teatro da cidade (10). É nessa época que MVF se define como republicano e se torna fervoroso militante pela queda da monarquia. Também participou, nessa mesma época, da fundação do jornal *O Liberal do Maranhão* e do “Instituto Literário Maranhense”.

## DISCURSO DE INAUGURAÇÃO DA “ESCOLA DO POVO”

A data desse discurso é de especial interesse para estudar o pensamento pré-protestante de MVF. Foi proferido no dia 1<sup>a</sup> de agosto de 1873. A data da conversão de MVF, na Igreja Presbiteriana da Barreira no Rio de Janeiro, é 22 de abril de 1874 (11). Trata-se de um documento que nos permite valiosa informação a respeito de quem era MVF poucos meses antes de sua conversão. Mas há outros dados desse período pré-conversão que devem ser levados em consideração. Segundo o relato do missionário Blackford, então responsável pela Igreja Presbiteriana da Barreira, MVF e seu pai visitaram essa igreja pela primeira vez em “maio ou junho do último ano” (1873). O velho pai de Miguel, Fernando Luiz Vieira Ferreira, então aposentado do exército e com 70 anos de idade, tinha gostado do sermão (12) e desde então “o pai e o filho e outras pessoas da família assistiam muito regularmente às reuniões, enquanto as crianças freqüentavam a Escola

Dominical” (Léonard, 1953). Conclui-se então que quando MVF proferiu o discurso de inauguração da “Escola do Povo” ele já tinha dois ou três meses freqüentado os cultos da Igreja Presbiteriana. Vejamos então o discurso em questão.

É um discurso longo do qual nos interessa destacar algumas questões a respeito da maneira de entender a sua função docente como parte do projeto “Escola do Povo” que ele, junto com os drs. Rangel Pestana, Henrique Limpo de Abreu e José Telles de Menezes, fundaram no Rio de Janeiro. Já nas primeiras frases destaca-se a importância do cumprimento do dever: “Eis aí, senhores, o motivo pelo qual venho agora ocupar a vossa atenção; a sorte foi quem me colocou neste posto de honra, e como bom soldado, eu não deveria abandonar”. O primeiro dia de aulas tocava precisamente as matérias que MVF assumiria, assim, foi ele o encarregado dessa sorte de palestra inaugural. Por isso repete: “Não foi uma escolha quem aqui me colocou, foi a sorte; aqui me acho tão-somente para cumprir um dever. Peço-vos, pois, que sejais indulgentes, que me concedais alguns momentos de atenção”.

No discurso MVF se esforça em sublinhar a necessidade de distinguir a educação do discurso às massas, este último mais próprio do orador que busca apelar às paixões. Diferentemente, o professor apela ao espírito:

“O professor deve pressupor que fala a um auditório que precisa de sua lição, deve imaginar que esse auditório ignora completamente aquilo que vem ouvir. O que em uma conferência pública só se dá por conhecido, é justamente o que em uma lição procura-se firmar no espírito do ouvinte. Ao professor, por consequência, falta a eloquência do tribuno, embora ele tenha a do professorado que é de gênero completamente diferente. O tribuno fala especialmente às paixões, deslumbrando a inteligência, o professor fala ao espírito, procurando não despertar as paixões. O primeiro é essencialmente o homem de coração, o segundo é o homem da cabeça. Eis por que um é móvel, ardente

10 Ver Rivera, 2004.

11 Segundo o Boletim *The Foreign Missionary of the Presbyterian Church*, de julho de 1874, vol. 33 (apud Léonard, 1953, p. 24).

12 O rev. Blackford conta: “Quando eles saíram o velho me disse: Esse discurso exprimiu minha maneira de ver” (Léonard, 1953).



e fervoroso, e o outro parece refletido, calmo e frio. No entanto a arte da oratória existe em ambos, ambos podem deleitar, elevar o espírito até o entusiasmo”.

Destaca também esse discurso o altruísmo ou filantropia dos fundadores do projeto social de educação que a “Escola do Povo” representava. MVF resume, nas palavras seguintes, o sentimento comum aos quatro fundadores do projeto, todos eles assinantes do histórico manifesto republicano de 1870.

“Somos homens formados em diversas ciências, que tínhamos diante de nós um futuro conquistado honrosamente pelo nosso trabalho para ganhar a subsistência, mas que olhamos para os nossos concidadãos e queremos com eles repartir o pão de espírito que nos deram nossos mestres, e que as nossas circunstâncias permitiram que fossemos buscá-lo no mercado em que atualmente ainda se acham monopolizados”.

O patriotismo se expressa na preocupação pela situação do país que “achamos quase sem vida, completamente extenuado” e pela educação da infância, considerada a fonte da “regeneração do Brasil”. Ferreira define os fundadores da “Escola do Povo” como “homens que nos habituamos a olhar com amor filial para a nossa pátria; que alimentamos um amor fraternal por nossos concidadãos; que encaramos a infância como a geração do futuro que convém salvar deste mau estado presente”.

Segundo o discurso esse projeto educativo procurava o desenvolvimento não só intelectual, mas também moral do país. Ferreira considera a educação básica a fonte da “regeneração do Brasil”. Expressa-o nas palavras seguintes: “Somos aqueles que reputam o desenvolvimento intelectual e moral como a fonte da liberdade que traz consigo a prosperidade pública, que reputam a infância como a terra fértil em que brota a boa semente apenas semeada”.

No currículo educativo da “Escola do Povo” havia lugar também para o ensino religioso e MVF se refere a essa questão

no seu discurso. Destaque-se que essa é a primeira vez que encontramos MVF se exprimindo a respeito do papel da religião na sociedade. Antes disso a biografia de Ferreira é bastante secular:

“Queremos em primeiro lugar que os nossos discípulos aprendam a ler e escrever, que conheçam a gramática da nossa língua, como tudo podem saber nas escolas do governo mas queremos, além disso, que eles saiam da nossa escola sabendo a geografia de nosso território, a história da nação a que pertencem, não uma história escrita *ad hoc*, mas a história real, queremos que eles conheçam os clássicos, prosadores e poetas que falaram a língua portuguesa, *que formem a sua moral pela do Cristo, estudando a história sagrada, mas queremos que não saiam imbuídos do fanatismo*; queremos que todos se compenbrem de que são Cidadãos, que têm direitos a reclamar e deveres a cumprir na sociedade; que conheçam esses direitos e deveres tão desenvolvidamente quanto é possível a uma crença” (grifos nossos).

As disciplinas ministradas na “Escola do Povo” eram, segundo se percebe no discurso de Ferreira, as seguintes: Direito Natural e Público, Legislação Comparada, Religião Comparada, Economia Política, Estudos Relativos à Mulher, Matemáticas Elementares, Literatura Científica. Ao curso de religião comparada Ferreira dedica mais espaço, e o conteúdo reflete já não só uma sólida perspectiva do lugar da religião na sociedade, mas também indícios de clara opção cristã; o que nos leva à hipótese de que esse discurso já tem influência protestante. A seguir destacamos as principais questões do discurso a esse respeito.

Quanto ao objetivo do curso de religião comparada Ferreira destaca o seguinte:

“Nos dará a liberdade de consciência sem diminuir em nós *o temor de Deus*” [grifos nossos]. Este estudo cuidadoso e desenvolvido nos habilitará a melhor compreender a religião cristã, a *honrá-la e divinizá-la*” [grifos de Ferreira]. Só depois deste profundo

estudo em consciência nos poderemos dizer cristãos. Só pelo estudo das diferentes religiões é que se fica esclarecido para rejeitar o fanatismo, para abraçar a verdade. Quem só tem uma idéia não pode comparar e quem não compara idéias não pode conhecer a verdade, não pode formar juízo”.

Parece que de fato se tratava de um estudo comparado de diferentes religiões, mas nele tem lugar de privilégio o cristianismo:

“Ele porá diante de nós sucessivamente, a religião de todos os povos, trazendo-nos a luz da razão, em face da própria natureza, onde sempre se tem refletido a vontade onipotente do Criador. Fazendo-nos conhecer essas diferentes crenças e adorações, mostrando-nos *seus erros e seus acertos*, esta aula terá uma forte luz e dará força a nossa consciência” (grifos nossos).

Ferreira já falava como “cristão”: “Porque saberemos então o valor dessa expressão, poderemos ter uma crença firme e inabalável nos princípios estabelecidos na Escritura”. A referência à Escritura indica, sem dúvida, influência protestante. A questão ganha mais força nas expressões seguintes:

“Só depois de termos certo fundo de instrução religiosa poderemos compreender perfeitamente a Jesus Cristo e reconhecer por toda parte em torno de nós, em nossa consciência, no nosso ser físico, moral e intelectual, que ele manifestando-nos a vontade de seu Pai, que remiu os pecados da humanidade”.

Ferreira parece entender perfeitamente o lugar de destaque que o protestantismo dava à instrução religiosa, que o ser cristão não era, para o protestantismo, apenas resultado de milagrosa conversão. Reconhece-se também nas suas palavras a ausência de qualquer mediação eclesial, o que constituía uma das características do protestantismo. O diagnóstico que o rev. Blackford fazia do Miguel Vieira Ferreira pré-conversão não era muito preciso: “incrédulo declarado”



e “puro materialista”. Ou talvez Blackford não esperasse maiores resultados da leitura dos livros, “sobre as evidências do cristianismo”, que diz ter fornecido a Ferreira. Uma coisa é evidente. Ferreira possuía, antes de sua conversão, uma racionalidade social e religiosa bem próxima da visão de mundo do protestantismo. Como se explica essa afinidade?

A prática social de Ferreira tinha uma articulada visão de mundo que a sustentava, e ela girava em torno do ideal de regeneração do ser humano, herdado sem dúvida da família, especialmente do pai. Essa é uma questão fundamental na vida de MVF, importante para entender a sua aproximação ao protestantismo a partir do ano de 1874. A análise da *Imprensa Evangélica*, órgão oficial da Igreja Presbiteriana, dos anos 1873, 1874, mostra que MVF teve uma entrada rápida nessa igreja, mas ela não foi repentina, como apresenta o estudo de Émile Léonard e como os próprios protestantes a entenderam. A conversão de Ferreira foi precedida de progressiva aproximação e resultado de afinidade desenvolvida em processo de longa duração. A aproximação de Ferreira ao presbiterianismo foi um processo que começou na verdade em janeiro

de 1874. A iniciativa foi do próprio Ferreira convidando os protestantes a participar de seu projeto de “Escola do Povo” (*Imprensa Evangélica*, 3 de janeiro de 1874). É o MVF tentando “evangelizar” os protestantes. Estes receberam o convite e mostraram seu apreço pela iniciativa, mas se mantiveram a distância (13). Os presbiterianos só mudarão de atitude a respeito de Ferreira em decorrência da participação dele na luta pela separação entre a Igreja e o Estado, pois Ferreira fazia parte do Comitê de luta pelas liberdades em torno dessa causa, e as reuniões de trabalho eram dirigidas pelo pai de Miguel, o tenente-coronel Fernando Luiz Ferreira (14).

Segundo o testemunho de Blackford, a mística conversão de MVF aconteceu no domingo 22 de fevereiro de 1874, depois de vários dias de profunda crise espiritual. No dia 5 de abril desse mesmo ano MVF foi batizado. No final de março de 1874, especificamente no dia 29, a Igreja Presbiteriana inaugurava seu novo e moderno templo, com capacidade para mais de 500 pessoas. Com esse motivo realizou uma semana de conferências (*Imprensa Evangélica*, 4 de abril de 1874). No dia 7 de abril, a menos de dois meses de sua conversão e a escassos dois dias de seu batismo, MVF já era presidente da Sociedade Bíblica Brasileira. No mês de maio Ferreira discursava sobre os objetivos dessa sociedade e um de seus argumentos era o seguinte: “Todas as razões de interesse social estão ligadas muito intimamente à leitura da Bíblia”. Por essa razão, segundo o próprio Ferreira, “todos os brasileiros, religiosos ou não, deviam apoiar essa associação” (*Imprensa Evangélica*, 6 de junho de 1874). No mês de outubro Ferreira já estava em campanha evangelizadora junto com o rev. Blackford na cidade de Campos. Os jornais dessa cidade destacaram que “seu eloqüente discurso revelou o seu não vulgar talento para com aqueles que não tinham ainda tido o prazer de ouvi-lo” (*Imprensa Evangélica*, 24 de outubro de 1874).

Retomemos a nossa hipótese sobre a entrada progressiva de Ferreira no protestantismo. A formação educativa, na família,

na escola, e depois na Escola Militar, a sua fidelidade aos seus ideais de regeneração social se explicam pela influência exemplar da sua família. Ferreira encontra, ou pensa encontrar, no protestantismo um espaço social para realizá-los. Para ele o ideal do progresso era uma força que estava acima de tudo. Era para ele força extraordinária que dava sentido à sua existência e ação. Tratava-se, nesse sentido, de verdadeira religião. Nessa perspectiva se explica melhor a sua entrada no protestantismo e a sua posterior decepção para criar um novo espaço de realização de seus ideais regeneradores, que seria a Igreja Evangélica Brasileira.

## MIGUEL VIEIRA FERREIRA PROTESTANTE: DE RECÉM-CONVERTIDO A PREGADOR

No protestantismo latino-americano, via de regra, após a conversão o novo crente passava logo pelo processo de instrução religiosa, catequese ou educação cristã, articulada em torno da Bíblia. Da conversão, experiência sempre incompreensível, extraordinária e fascinante, passava-se à educação cristã que – sem querer – se constituía em desencantadora dessa experiência. A pregação evangelizadora levava o ouvinte à crise emocional da conversão, mas logo o integrava à comunidade religiosa em que tudo se explicava racionalmente a partir da Bíblia. O protestante é resultado, assim, da catequese desencantando a conversão, o ordinário apagando ou enfraquecendo o extraordinário, o racional explicando o irracional, as idéias claras substituindo as explicações mágicas. É por isso que o protestantismo foi sempre terreno fértil para religiões reencantadoras da experiência religiosa. O protestantismo realizava a formação religiosa de seus membros por vários meios: reuniões de estudo bíblico pelo menos uma vez por semana, a “Escola Dominical”, que oferecia preparo

13 A *Imprensa Evangélica* de 3 de janeiro de 1874 publicou a seguinte notícia: “Conferências da Escola do Povo: Agradecemos ao nosso prestimoso amigo Dr. Miguel Vieira Ferreira, os exemplares com que nos obsequiou das Conferências feitas por elle na Escola do Povo. Divirgimos do illustre autor em não poucos pontos tratados nestes discursos, mas nem por isso deixamos de aplaudir a idéa e os esforços feitos pelo Dr. Ferreira e por seus dignos collegas de introduzir em nossa sociedade este tão útil como agradável meio de instrução. Falta-nos porem tanto o espaço como o tempo para uma apreciação mais extensa destes discursos, por tantos títulos recommendaveis”.

14 A *República*, Rio de Janeiro, 18 de janeiro de 1874. A *Imprensa Evangélica* de 7 de fevereiro de 1874 reproduz essa notícia, em que o pai de Miguel Vieira Ferreira é chamado de “respeitável cidadão”.

direcionado às necessidades específicas separando os recém-convertidos dos mais antigos e dividindo-os também por idades. Outros espaços de instrução religiosa eram os cultos familiares nas casas. Os institutos e seminários teológicos, onde se formavam os futuros pastores, foram surgindo conforme as igrejas se multiplicavam, mas inicialmente os líderes, anciãos e pastores passavam pelo processo de instrução religiosa comum, no qual se assimilava a cultura protestante, a visão de mundo articulada em torno da Bíblia.

Miguel Vieira Ferreira, como vimos, chegou a ocupar a responsabilidade de ancião da IEB em período bastante breve. Tudo sugere que quando começou a ocupar o púlpito, pregando na comunidade de Barreira e logo nas províncias de Rio, São Paulo e Minas Gerais, ele não tinha assimilado a catequese necessária para se conformar à regulação religiosa protestante. Mais precisamente, não tinha assimilado que no protestantismo a mediação legítima é a mediação da Bíblia. Léonard (1953, p. 24) diz que Miguel Vieira Ferreira “tinha uma alma de apóstolo: tão logo se converteu ele queria trabalhar pela Igreja onde encontrou a verdade e ela o recebeu como *ancião* da comunidade de Barreira (no Rio) onde ele tinha feito sua experiência e sido batizado”. Durante os cinco anos que Ferreira permaneceu na IEB, entre 1874 e 1879, a sua vida

religiosa esteve marcada pela experiência da conversão. O seu labor evangelizador no Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo estava marcado por essa experiência primeira. A fé de Ferreira se articulava em torno da sua mística conversão ficando a Bíblia em lugar de segunda importância.

## A IGREJA EVANGÉLICA BRASILEIRA: RECONSTRUÇÃO DA TRADIÇÃO FUNDADORA

A data mais importante para a IEB, a julgar pelas atividades organizadas em torno dela, pela insistência com que é citada no discurso de lideranças e de fiéis e pelas expectativas em torno dela, é o 11 de setembro, data em que se comemora a fundação da IEB por Miguel Vieira Ferreira no ano de 1879. Nos púlpitos os presbíteros da IEB sublinham de forma reiterada e com especial dedicação que nessa data surgiu “a verdadeira igreja”, “a nova Jerusalém” – como também é chamada – e que com ela seu fundador estava realizando uma “obra eterna”, porém profetizada na Bíblia.

Quando Émile Léonard estudou essa igreja, nos primeiros anos da década de 1950, a reconstrução da tradição estava em processo. Nas décadas seguintes apareceram novos títulos para o fundador, reforçaram-se os títulos que já havia e, o mais inesperado, surgiu um novo texto sagrado: O Novíssimo Testamento ou Testamento Eterno (NTTE), doze volumes que recopilam discursos e experiências do fundador e primeiro pastor Miguel Vieira Ferreira, do segundo pastor Luiz Vieira Ferreira, irmão de Miguel, e do terceiro pastor, Israel Vieira Ferreira, filho de Miguel. A constituição dessa obra realizou-se durante o quarto pastorado, sendo Antonio Prado o pastor, que morreu em 1999. No momento a IEB ainda não elegeu um novo pastor e aguarda alguma revelação divina que mostre quem será o próximo. Segundo informação dos presbíteros, o novo pastor será eleito só quando todos os membros,



te, coincidam em votar em um mesmo candidato. Até agora isso não aconteceu. Voltaremos mais adiante sobre o processo de consagração que envolveu a produção social desse novo texto sagrado.

## PRODUÇÃO DA NOVA LEGITIMIDADE FUNDADORA: “O GRANDE PRÍNCIPE MIGUEL”

O discurso contemporâneo da IEB reitera seu caráter exclusivo e reivindica ser a única igreja verdadeira destinada a cumprir os propósitos de Deus na Terra. De fato se trata de um discurso com traços messiânicos, o que é diferente de dizer que se trata de um grupo religioso messiânico. Expliquemos a questão. Os traços messiânicos do discurso não são acompanhados por mobilização messiânica do grupo. A razão desse messianismo truncado talvez se encontrasse, ao nosso ver, na herança doutrinal presbiteriana. O surgimento de um messias e da previsão de datas apocalípticas é atenuado pela doutrina da predestinação, herança do calvinismo que subsiste na IEB. A doutrina da predestinação interdita uma salvação messiânica haja vista que, segundo essa doutrina, a salvação é só dos predestinados. Pela mesma razão essa igreja não faz proselitismo nem atividades evangelizadoras. Entende-se que os escolhidos se aproximarão da igreja mais cedo ou mais tarde.

A IEB determina um novo fato fundador a partir do dia 11 de setembro de 1879, data da constituição da IEB, e se remete a essa data constantemente definindo nela o caminho da legitimidade do carisma. O fato que legitima o discurso oficial é a fundação da igreja e sobre essa data construiu-se uma nova tradição. Tradição forte, pois se conserva depois de 126 anos de existência.

Mas a biografia de Miguel Vieira Ferreira mostra uma vida pouco interessada em questões religiosas até o ano de 1873, quando começou a freqüentar a Igreja Presbiteriana e, em abril de 1874, passou pela experiência de conversão, permanecendo nessa igreja

por cinco anos como “ancião”. Onde estaria então a novidade que a IEB prega ou, melhor dizendo, qual a continuidade com o presbiterianismo que a IEB deixa de lado para fundar uma nova tradição? Na interpretação de suas origens a IEB deixa de lado as suas origens presbiterianas em favor de um novo evento fundador. Visto em perspectiva sociológica, a construção de uma nova legitimidade exige a produção de uma nova tradição, e isso não se faz de um dia para outro nem de um ano para outro. Vejamos como a IEB resolve essa questão. Primeiro há que frisar a nova leitura que os fiéis fazem da experiência de conversão de MVF à Igreja Presbiteriana. Durante o culto em que Ferreira se converteu permaneceu em torno de 30 minutos aparentemente fora de si. Nesse tempo ele teria subido aos céus e recebido de Deus a ordem de fundar a nova igreja. Voltaremos a essa questão mais adiante.

Analisando as fontes sobre a história da IEB se constata que foi nas últimas décadas que o fundador Miguel Vieira Ferreira ganhou o título de “Grande Príncipe Miguel” (GPM), título que começou a circular entre os fiéis e foi adicionado ao de “Doutor Miguel”. Este último é mais comum na boca dos fiéis, já “Grande Príncipe Miguel” é utilizado em momentos especiais, sempre nos cultos e carregado de maior solenidade. Quando alguém, presbítero, diácono, ou simples membro, menciona esse título coloca sempre alguma ênfase, regra geral, eleva a voz e o repete com solenidade, satisfação e sorriso nos lábios. Falar do Grande Príncipe Miguel é falar da personagem mais importante na hierarquia espiritual da IEB. Ferreira não é mais apenas o fundador. As gerações posteriores o tornaram o elo entre o céu e a terra, entre o mundo visível e o mundo invisível, entre o imanente e o transcendente, entre a origem e a realidade atual.

Pela importância que o GPM tem no discurso religioso pode-se dizer que a IEB desenvolveu uma sorte de divinização do fundador. Ele é considerado continuador do Espírito Santo e enviado de Deus para cumprir uma obra eterna, ou até o próprio Espírito Santo, como freqüentemente se insinua desde os púlpitos. Num documento de 1987, publicado já no quarto pastorado e

sendo Antonio Prado o pastor, encontramos os seguintes parágrafos a respeito de Miguel Vieira Ferreira:

“Quem é Miguel

Miguel é amor do Pai, amor do Filho, amor do Espírito Santo – Jesus Cristo é a graça de deus, Miguel é a graça de Jesus Cristo – Jesus Cristo veio para glorificação do Pai e Miguel veio para glorificação de Jesus Cristo” (dito a Miguel em 11 de junho de 1883, em Botafogo) (IEB, 1987, p. 20).

Esse parágrafo faz um entrosamento entre Miguel e a trindade Pai, Filho e Espírito Santo. Nele Miguel aparece num lugar privilegiado que o coloca acima de qualquer mortal. O documento continua falando de Miguel:

“Fato para a humanidade memorável é sem dúvida o nascimento do Doutor Miguel Vieira Ferreira. E isso porque, na vida que em dia tão singular foi dada à luz, surgiu aquele em quem, a seu tempo, cumprir-se-iam as belíssimas predições feitas por Daniel, o insigne profeta!... Glória, honra e louvor sejam, pois, dados a DEUS, o Pai, e a seu bendito FILHO pela graça e benção que em MIGUEL foram conferidas aos servos do Altíssimo aqui na Terra. Amém” (IEB, 1987, pp. 20-1).

Mais adiante diz o mesmo documento: “Miguel veio no poder do Espírito Santo sendo-lhe conferida a Capitania desse Espírito (revelado por Deus ao próprio Dr. Miguel em 24 de março de 1883) para que ele pudesse executar a grandiosa obra que lhe fora determinado fazer” (IEB, 1987, p. 31). Numa folha avulsa que circula entre os membros da IEB (15) se encontram algumas revelações recebidas pelo sr. Neves, um antigo membro da igreja e que tinha fama de visionário. Uma dessas revelações é muito conhecida entre os fiéis da igreja e diz o seguinte:

“Em 9 de junho de 1882, em sonho, eu, Henrique Rodrigues Neves, pedia a Deus pai que me mostrasse Seu Filho, nosso Senhor

Jesus Cristo. Vi abrir-se uma porta no Céu e o nosso Pastor Dr. Miguel é quem vinha abrir a porta, para atender a quem estava clamando ou batendo. Acordei e pensei no sonho e Deus me concedeu o grande privilégio de poder conhecer que Ele, Deus pai, estava me mostrando que eu visse Seu Filho Jesus Cristo em aquele a quem Ele tinha enviado”.

A exaltação do fundador torna complexas as hierarquias consideradas sagradas pela IEB. Essa é a razão pela qual o mesmo documento adverte aos fiéis: “Não incidam, entretanto, os membros da Igreja no erro gravíssimo de confundir o Pastor – visível – com a pessoa de Cristo” (IEB, 1987, p. 33). Já em 1926, durante o pastorado de Israel, quando se estabeleceram os “Dez pontos doutrinários” da IEB no artigo X se dizia: “Que a igreja não idolatra seus Pastores, tributa-lhes entretanto, profunda veneração e respeito por serem os mesmos Ministros de Cristo” (IEB, 1987, p. 47). De fato o respeito e a veneração pelos pastores são notórios tanto nos cultos quanto na fala dos membros. No primeiro culto a que assistimos, na IEB de Rio Pequeno em São Paulo, observamos, no final do culto, como todos os fiéis se dirigiam ordenadamente à parte da frente para cumprimentar o pastor, nesse caso o presbítero, beijando sua mão. Essa prática acontece normalmente em todos os cultos e com a maioria dos presbíteros. No entanto é claro que a veneração pelo fundador é especial. Veneram-se com particular ênfase o fundador Miguel Vieira Ferreira e o filho dele, que foi o terceiro pastor, Israel Vieira Ferreira, chamado também de “Filho da Promessa”. Mas o fundador recebe tributo singular. Outra evidência disso está no espaço especial destinado em cada templo para lembrar Miguel Vieira Ferreira. Na parte da frente, imediatamente detrás do púlpito, há três cadeiras. A cadeira do centro é sempre maior e os presbíteros nunca a usam, limitam-se a ocupar uma das cadeiras dos lados.

Um dos hinos que a IEB canta com maior entusiasmo é chamado “A Marcha”, cuja letra é bastante expressiva a respeito do lugar que Miguel ocupa na hierarquia religiosa:

1.5 Esse documento me foi facilitado por um dos diáconos da IEB.

“A MARCHA

Naquele tempo, profetiza Daniel  
Se levantará o grande príncipe Miguel,  
O protetor de teu Povo  
Condutor dos filhos de Deus  
E sendo filho de mulher

Exultemos meus irmãos,  
Aceitemos o grande príncipe Miguel,  
Que vencer vem ao dragão  
Pela promessa que Deus fez à mulher,  
Vem com a justiça de Cristo  
No poder do Espírito Santo,  
E com o nome de Miguel

Acordando multidões  
Que dormem na noite escura  
Abrindo selos da Bíblia  
Revelando sua formosura  
Nos mandando ao Senhor Jesus  
Receber d’Ele a própria luz,  
E aceitarmos sua cruz

Jesus Cristo o enviou  
Por sua fidelidade  
Revestindo-o do poder  
Para fazer sua vontade,  
Mandou Ele e mais ninguém,  
Seu irmão que Ele quer bem.  
E os Anjos digam: – Amém”.

José Alves Moreno é o autor desse hino. Ele esteve com MVF desde a fundação da IEB e, segundo informação dos próprios fiéis, esse hino se cantava quando MVF ainda estava vivo. Segundo a acertada opinião de Émile Léonard, esse é o “hino oficial da” IEB (1953, p. 51). Hoje esse hino ainda se canta, de memória, com singular entusiasmo e sempre em pé, o que nem sempre acontece com os outros hinos.

O balanço dos dados leva a afirmar que, na perspectiva da transmissão da tradição fundadora, MVF passou a se constituir na referência principal da reconstrução da tradição, ficando os elementos clássicos do protestantismo relativizados. A IEB constrói e legitima a sua tradição em torno da pessoa de Miguel Vieira Ferreira. O fato de o fundador da IEB ter acabado

seus dias na terra, como todos os mortais, não abalou o processo de reconstrução da tradição. O fato incontestável da morte de MVF tornou impossível uma divinização completa do fundador, mas as reinterpretções religiosas da vida dele se estendem até a biografia anterior à fundação da IEB e anterior também à sua conversão. São reinterpretções marcadas pela doutrina da predestinação. Miguel Vieira Ferreira, que inicialmente era reconhecido pelo título de doutor, passou aos poucos a ser chamado também de Grande Príncipe Miguel porque sendo a ponte entre o céu e a terra não podia simplesmente ser o fundador da igreja, o intelectual, o engenheiro ou menos ainda o ex-ancião de Igreja Presbiteriana.

O título Grande Príncipe Miguel hoje já está consagrado. Mas continua sendo comum o uso de “Doutor Miguel”. Não obstante, como mencionamos, o título de “Doutor Miguel” não exige maior solenidade, ou porque já é um título consolidado e corriqueiro ou porque ele aparece como um título menos religioso. Um título acadêmico apresenta déficit de sentido para legitimar uma personagem religiosa. As vantagens de “Grande Príncipe Miguel” são evidentes e, como veremos logo, com um respaldo na Bíblia. Durante os cultos, com relativa frequência algum irmão ou irmã pede licença para contar alguma revelação, visão ou sonho na qual aparece sempre o Grande Príncipe Miguel legitimando a experiência extraordinária compartilhada. Nos corredores, fora do espaço e do tempo do culto, as pessoas, tanto os simples membros quanto os líderes, preferem utilizar “Doutor Miguel”. Os presbíteros também recorrem com frequência ao título de “Mestre” ou “Divino Mestre” para falar de MVF, mas também utilizam esse título para se referir a Jesus Cristo, eliminando ou reduzindo entre eles qualquer diferença de nível na hierarquia religiosa. Esses dados permitem dizer que a IEB operou uma reconstrução da tradição religiosa em torno de um novo fato fundador.

A Igreja Evangélica Brasileira minimiza a importância dos antecedentes presbiterianos do fundador e o remete diretamente à Bíblia, especificamente ao



Antigo Testamento. Segundo um relato do *Livro de Daniel*, esse profeta recebeu de Deus uma revelação que dizia que “a seu tempo Deus levantaria um grande príncipe Miguel”. Na opinião da IEB, isso não é mera coincidência. Miguel Vieira Ferreira era o Miguel da profecia registrada no *Livro de Daniel*; assim, Miguel já era predestinado. Em 1874, na data da conversão de Miguel, ele teria subido aos céus e recebido o mandado de fundar a IEB, para o qual retornou à terra. Eis aí a razão por que MVF acaba sendo uma sorte de continuidade ou substituto do Espírito Santo ou o próprio Espírito Santo. Tudo isso se pode inferir do discurso dessa igreja. Não se trata apenas de uma reprodução da tradição protestante e sim de produção de nova tradição. A nova tradição gerou, e não poderia ser diferente, mudança estrutural importante no sistema religioso, que se foi consolidando no decorrer dos 126 anos de existência dessa igreja.

Trata-se de uma nova forma de cristianismo ou de protestantismo? As classificações têm sempre seus limites. Há necessidade de ficar ciente dessa limitação para não simplificar a complexa história que envolve sempre a produção de uma nova tradição religiosa. A IEB reconstruiu a sua tradição protestante deslocando elementos centrais do sistema religioso protestante e recolocando outros no seu lugar: o mediador principal aqui, na prática e no discurso religioso, é Miguel Vieira Ferreira. Antes de analisar outro elemento desse mesmo processo de substituição vejamos a constituição de MVF como primeiro pastor da IEB. A questão é muito interessante se analisada na perspectiva da transmissão do carisma.

Miguel foi cortado da Igreja Presbiteriana e precisava construir uma outra legitimidade. Na certidão do termo de fundação da IEB se diz que no dia 11 de setembro de 1879 os “abaixo-assinados congregados em nome de Nosso Senhor e Salvador Jesus-Christo” elegeram como pastor o doutor Miguel Vieira Ferreira que “reconhecemos ser Ministro de Jesus-Christo por ele chamado e ordenado; e declaramos reconhecer como válidos e legítimos, diante de deus e

dos homens, todos os atos que celebrar no exercício deste seu Ministério e pastorado”. Esse documento merece uma análise mais profunda, no entanto interessa destacar que se trata de uma constância escrita da legitimidade que o grupo de origem outorga a seu fundador. Por sua vez essa declaração de legitimidade se apóia no extraordinário, pois Miguel, segundo o próprio texto, foi “chamado e ordenado” por Jesus Cristo. A nova igreja estava interessada em ganhar reconhecimento perante as outras igrejas da época e de maneira particular perante a Igreja Presbiteriana. Essa procura de legitimidade alcançou depois dimensões maiores, provavelmente não imaginadas pelo fundador.

No ministério dos pastores posteriores a MVF, a legitimidade do fundador passou a ser explicada por uma ordem recebida diretamente de Deus, isto é, não por revelação, senão que Miguel teria estado no céu na data de sua conversão para receber a ordem divina. Mas esse dado está orientado a legitimar a própria IEB. Os presbíteros dividem a história da IEB segundo os períodos dos pastores: Primeiro Pastorado, Segundo Pastorado, Terceiro Pastorado e Quarto Pastorado. Foi no terceiro e quarto pastorado que o processo de reconstrução da tradição ganhou força.

## CONSOLIDAÇÃO DA NOVA TRADIÇÃO FUNDADORA: O “FILHO DA PROMESSA”

Quando o fundador da IEB, Miguel Vieira Ferreira, morreu, em setembro de 1895, seu filho, Israel Vieira Ferreira, tinha apenas 12 anos de idade. Três anos depois, em janeiro de 1898, Luiz Vieira Ferreira, irmão do fundador, foi aclamado pastor, posto que ocupou até sua morte em janeiro de 1908. Nesse período do segundo pastor aconteceram muitos problemas, que aqui não há como abordar. Limitamo-nos a apresentar uma síntese.

Começa a publicação da revista *O Trabalho*, que circulou por um período de aproximadamente dez anos, a filha do pastor Luiz Vieira Ferreira foi ordenada “virgem”, título estranho à tradição protestante. Artigos publicados na revista *O Trabalho* causaram polêmica entre os membros, alguns irmãos não aceitavam o pastorado de Israel e seguiam a filha de Luiz, a “virgem” Sara. Houve divisão e um grupo saiu da igreja. Desacordos e controvérsias são normais e frequentes na história das religiões, especialmente em períodos de sucessão do carisma. O dilema era quem seria o próximo pastor. Mas o particular do caso é que se projetava como forte liderança uma mulher, jovem e, provavelmente o fator de maior complicação, filha do segundo pastor.

Esse período é considerado hoje pelos fiéis da IEB como marcado por desvio do projeto original do fundador. Desvio que no seu pastorado Israel viria corrigir. A entrada de Israel Vieira Ferreira para ocupar o pastorado, como o terceiro pastor, aconteceu nesse contexto de conflito e de crise da igreja para retornar às verdades originais. A pesquisa de campo nos permitiu entender a leitura que as próximas gerações fizeram desse período difícil da história da IEB. O fundador Miguel Vieira Ferreira, dizem os atuais presbíteros, recebeu de Deus uma revelação dizendo que lhe daria um filho que continuasse a sua obra. Israel é reconhecido hoje como o “Filho da Promessa” e seu pastorado durou 47 anos:

“A 24 de setembro de 1911 cumpre-se integralmente a promessa que Deus fizera ao Doutor Miguel Vieira Ferreira ainda nos primórdios do Estabelecimento da Obra do Senhor aqui na Terra. É reconhecido pelo Povo do Senhor como eleito e Ordenado por Cristo Pastor da Igreja Evangélica Brasileira – o Dr. Israel Vieira Ferreira – o Filho da Promessa” (Prado, 1974, p. 140).

O “Filho da Promessa” ocupa um lugar também superior, embora detrás do fundador. Não obstante, ele precisa estar em um lugar destacado na hierarquia, pois seus escritos, como veremos logo, passaram a

constituir parte dos livros sagrados. Já na data da ordenação de Israel como pastor se compôs um hino, conhecido como a “Marcha a Israel”, que é hoje um dos hinos que se cantam com mais entusiasmo e fervor nos cultos. A letra diz o seguinte:

“MARCHA A ISRAEL

Ó povo de Israel congregai-vos  
Vossa bandeira já desfraldai!  
Dizei sempre ‘Quem é como Deus’  
Soldados fiéis de Jesus avançai!

Israel é o nosso Comandante  
Assim Deus nos falou em visão  
Avante, soldado, sempre avante!  
Conosco vai o Cristo Capitão

Então houve no Céu uma batalha  
Miguel e seus anjos contra o dragão  
Este com os seus bens pelejaram  
Mas viram logo a sua destruição

Buscai ao Senhor sem demora  
Dai-lhe honra e poder  
Seu juízo se vem manifestar  
Sua justificação vinde receber

Agora cristão alegrai-vos  
Com a vinda do príncipe Miguel!  
A promessa de Deus se cumpriu  
Somos o povo santo de Israel”

(Letra: Manoel Pereira Lopes  
Música: Antonio Fazendeiro).

O pastor Israel e a IEB aceitaram o hino e ele começou a ser cantado desde os primeiros anos do pastorado do próprio Israel. Respeito, admiração e veneração. Tudo muito próximo de adoração. Possivelmente tudo isso junto é o que manifesta a IEB pelo chamado “Filho da Promessa”, que é sempre lembrado com muito carinho. Eloquente é já o fato de que esse hino se cantava quando ainda ele estava vivo. A diferença entre profundo respeito, sublime amor e grande veneração, com o que seria “adoração”, torna-se relativa quando se pensa na importância e nos efeitos práticos das “verdades”

religiosas na vida dos fiéis. Basta lembrar que ditos e fatos de Israel Vieira Ferreira passaram a constituir parte importante do novo texto sagrado da IEB.

## A PRODUÇÃO SOCIAL DO LIVRO SAGRADO: O “NOVÍSSIMO TESTAMENTO OU TESTAMENTO ETERNO”

Nos cultos da IEB a leitura do Novíssimo Testamento ou Testamento Eterno (NTTE) é de primeira importância, isto considerando ainda a própria Bíblia, que também é lida nos cultos. O NTTE consta de 12 volumes com conteúdo que pode se classificar da seguinte maneira: pregações e discursos do fundador Miguel Vieira Ferreira, revelações recebidas pelo fundador e relatos das experiências místicas nas quais recebia ditas revelações, pregações e revelações do segundo pastor Luiz Vieira Ferreira, pregações e revelações do terceiro pastor Israel Vieira Ferreira, e também revelações especiais recebidas por alguns irmãos destacados.

É muito interessante analisar a produção social desse novo texto sagrado. Se levarmos em consideração que se trata de uma igreja de raízes protestantes, a questão do surgimento de um outro livro sagrado é muito provavelmente inédita na América Latina. Porque o protestantismo não é só “religião de livro”, para utilizar a expressão de Weber, senão também religião de livro sagrado exclusivo. A exclusividade do livro sagrado tem dois sentidos, primeiro que não admite outros livros fora dele e, segundo, que a autoridade da verdade religiosa se determina exclusivamente pelos conteúdos desse livro. Aqui temos uma herdeira de um dos protestantismos mais antigos na América Latina com 12 volumes a mais, fato incomum entre os protestantismos e talvez exclusivo no protestantismo latino-americano, com semelhanças só com os adventistas do sétimo dia e com os mórmons. Nos pentecostalismos latino-americanos das últimas décadas

verifica-se processo contrário. No lugar de produzir novos textos sagrados acontece uma perda de importância da Bíblia. Isso num contexto mais amplo de generalizada redução do discurso nos cultos (16).

A preocupação por escrever o NTTE surge no pastorado de Israel Vieira Ferreira, filho do fundador e sobrinho de Luiz, o segundo pastor. Israel não teve filhos, só teve filhas. Ele morreu em 1959, vítima de uma parada cardíaca, mas essa doença começou a manifestar-se já desde 1950 (Prado, 1974, p. 171). Nessas circunstâncias, sem um sucessor à vista, entende-se melhor o surgimento da preocupação por garantir a tradição fechando-a num texto. A primeira referência que encontramos ao NTTE é de 1955, durante o terceiro pastorado, isto é, quando Israel Vieira Ferreira era o pastor da IEB.

Um texto de autoria, sem dúvida, de Israel diz o seguinte:

“A missão confiada por Deus a seu servo Miguel foi a de erigir na Terra o monumento da fé, criando na igreja dos últimos tempos o elemento que abriu e terá de escrever o Novíssimo Testamento ou Testamento Eterno. Em sã consciência, portanto, ninguém poderá supor que, sem atributos e graças extraordinariamente grandiosos, sobrenaturais, pudesse Miguel lançar os alicerces requeridos a obra de tal envergadura. Todos os dons do Céu, sem reserva, lhe foram para isso conferidos, a par da Capitania do próprio Espírito Santo” (IEB, 1955, pp. 10-1).

Não encontramos nenhum documento anterior que mostre que o interesse de escrever o NTTE já estava no fundador Miguel Vieira Ferreira ou no segundo pastor Luiz Vieira Ferreira. Tudo indica que a empresa surge no terceiro pastorado e ante a evidência de uma incerta continuidade da tradição. Israel morreu em 1959 sem conseguir escrever o NTTE.

É claro que a produção desses 12 volumes exigiu muito trabalho. Não só trabalho editorial, mas também de recopilação, seleção e correção, além do trabalho de constituição dos textos sagrados e a deter-

<sup>16</sup> Analisamos essa questão em *Tradição, Transmissão e Emoção Religiosa* (2001).

minação das verdades religiosas legítimas que esses textos pretendem conservar. A questão de fundo, aqui, não é outra que a canonização dos textos sagrados. Vamos resumir a informação que conseguimos sobre esse longo processo de quase cem anos, desde a fundação da IEB até a publicação dos primeiros volumes do NTTE em 1967. Miguel Vieira Ferreira costumava escrever as revelações que recebia, o segundo pastor Luiz Vieira Ferreira escrevia menos, mas nesse período a IEB publicava a revista *O Trabalho*, que permitiu conservar bastante informação sobre revelações e sermões. Já no período do pastorado de Israel Vieira Ferreira ele contava com a assistência de pelo menos duas secretárias voluntárias: dona Elena e dona Dulze. Essas irmãs escreviam em taquigrafia as pregações do pastor, a datilografavam a máquina e a passavam ao pastor para serem corrigidas para logo datilografar a versão final. Nas últimas páginas do volume 12 do NTTE há textos incompletos de pregações do pastor Israel cuja revisão foi interrompida por sua morte (17). A IEB é uma sociedade religiosa de longa memória e muitos de seus membros realizam tarefas voluntárias de conservação, pesquisa de registro dos fatos de seus fundadores.

O quarto pastor, Antonio Prado, fez a recopilação e mandou imprimir o NTTE. A primeira edição já está esgotada e a segunda estava em preparo nos primeiros meses do ano 2001. Em todos os templos da IEB que visitamos sempre encontramos o NTTE numa pequena oficina à disposição das lideranças. Os volumes são de cor verde e em capa dura. A aparência física em nada se assemelha às Bíblias que os protestantes costumam levar: o papel é rústico com partes já amarelas apesar de não serem muito antigos, o formato também é maior (24 x 17 cm aprox.). Tudo isso mostra que se trata de uma produção editorial amadora. Por informação de um dos diáconos sabemos que a publicação foi feita numa antiga imprensa da IEB no Rio de Janeiro e logo em São Paulo, pelos próprios irmãos da IEB. Pelo formato e pelo número de volumes é evidente a dificuldade de portá-lo. Ninguém vai ao culto levando o NTTE, mas também não se

leva a Bíblia. Os membros manifestam ter em casa o NTTE e a IEB se preocupa em que cada família tenha os 12 volumes. Não tivemos ocasião de entrar no espaço familiar dos membros dessa igreja, mas tudo indica que a leitura do NTTE é prática familiar. Jovens e crianças são capazes de repetir de cor parágrafos inteiros do NTTE.

Qualquer teólogo protestante ficaria arrepiado de saber dessa sorte de ampliação da *sola Scriptura*. O surgimento desse novo texto sagrado se explica dentro do processo de reconstrução da tradição religiosa. O NTTE não podia ser um substituto da Bíblia, pois a IEB legitima seu fundador e a fundação da própria igreja em textos da Bíblia, do Antigo Testamento e do Novo Testamento (18). A IEB considera o NTTE uma continuidade da Bíblia. Num culto dominical o presbítero explicou assim a relação entre a Bíblia e o NTTE: “Vejamos o que disse o Divino Mestre – o Presbítero está lendo um texto de Israel, o terceiro pastor da IEB – sobre as Sagradas Escrituras: a Bíblia ainda não está completa, já temos dois de seus volumes o Velho e o Novo Testamento. Está sendo escrito o Novíssimo Testamento com 12 volumes. Ali está contida toda a doutrina da nossa amada igreja” (19).

Parágrafos inteiros do NTTE são lidos nos cultos, regra geral, fazendo efemérides do acontecido na mesma data em que se realiza o culto. A leitura da Bíblia nos cultos ocupa sempre menos tempo e atenção que a do NTTE. As pregações são, regra geral, comentários de parágrafos do NTTE. Na Escola Dominical também o NTTE é o texto de consulta e de estudo por parte dos mestres encarregados do ensino.

Com o NTTE a IEB aumentou o caráter discursivo de seus cultos. O culto da IEB apareceria aos olhos de um pentecostal, ou de pesquisador do pentecostalismo, sumamente frio, abstrato, simples e sem dinamismo. Os sermões são sempre comentários sobre os textos lidos. O caráter discursivo do culto se percebe também nos cantos e nas orações. O repertório de cantos é enorme, possuem até três hinários com 300 ou 400 hinos cada um. É uma igreja que

17 A IEB conserva alguns textos, datilografados, com as correções feitas em vermelho pelo pastor Israel Vieira Ferreira, que não chegaram a entrar no volume 12.

18 Léonard (1953, p. 54) cita um documento oficial da igreja em que se diz: “Nós sublinhamos a maneira pela qual é designado o Pastor da igreja: Doutor (Deuteronômio 33, 21; Isaías 30,20; Joel 2, 23) Miguel (Daniel 10,13, 21; 12,1; Judas 9; Apocalipse 12,7)”.

19 Notas de pesquisa de campo. Culto da IEB, Rua Behring, São Paulo, 2/7/2000, domingo, 10 horas.

canta bastante, e canta sempre regida pelo acompanhamento de órgão ou piano. Para cantar, regra geral, todo mundo permanece sentado, o que mostra as dificuldades para externar maior expressividade no que se canta. Presta-se muito cuidado à música. Há um trabalho bem articulado para que cada congregação tenha sempre um regente nos cultos e as igrejas ensaiam semanalmente de maneira que a igreja toda se constitui em um coral que interpreta os hinos com jogo de vozes (20). É uma questão artística, e como interpretada em grupo segue regras estabelecidas, em consequência não deixa maior espaço para qualquer espontaneidade.

As orações são também verdadeiros discursos. A oração parece estar reservada para pessoas com maior prestígio. Os que oram são sempre os presbíteros ou algum irmão a pedido do presbítero. Não temos visto nunca oração feita por mulher nem por pessoa jovem. Sempre são homens e adultos. Num “culto de propaganda”, a que assistimos em São Bernardo do Campo a oração final foi feita por um diácono a pedido da pessoa que dirigia, e este último não era presbítero. A oração é sempre longa e com argumentos lógicos. É raro uma oração que não faça referência às origens, ao dr. Miguel ou ao “Filho da Promessa” Israel. Há, assim, interesse, que não implica necessariamente intencionalidade consciente, em legitimar a oração apelando à tradição fundadora.

No final de cada culto há sempre oportunidade para que os membros expressem seus pedidos de oração e isso é sempre feito por escrito. Na entrada dos templos há pequenos papéis em branco, disponibilizados para que as pessoas escrevam seus pedidos de oração. No final do culto um diácono entrega os papéis ao presbítero que dirige o culto, que então os lê para a congregação.

## A REVELAÇÃO INTERDITADA

Na origem da IEB está a discrepância a respeito da revelação. Miguel Vieira Ferreira passou por uma experiência de conversão num culto dominical da Igreja Presbiteriana.

A conversão de Ferreira foi singular pelo fato de ter experimentado um tipo de êxtase que o manteve ensimesmado por vários minutos para logo acordar dizendo que Deus tinha lhe mostrado a verdade. A Igreja Presbiteriana, que na época (1874) estava iniciando seu trabalho missionário e precisava de missionários, logo o recebeu como “ancião”, outorgando-lhe responsabilidades na pregação. É evidente que a razão dessa rápida ascensão foi a excelente instrução que tinha Ferreira, sendo intelectual, engenheiro e militar de carreira, e também a convicção manifesta de ter encontrado a salvação nessa igreja. Na sua tarefa como pregador, como seria lógico, Ferreira colocava a ênfase na experiência da conversão como revelação direta de Deus. A IPB, herdeira do presbiterianismo reformado, entendia que a revelação estava contida e fechada na Bíblia, o que gerou um conflito que acabou colocando Ferreira fora da igreja.

Em 1879, Ferreira funda a IEB e ensina seus seguidores que Deus continua se revelando aos homens tal e como ele o tinha experimentado. Segundo a interpretação dos fiéis das gerações seguintes, Ferreira continuou tendo revelações sobre o que chegaria a ser a IEB, os lugares de pregação, o filho que o sucederia e assim por diante. Também há dados que comprovam que ele não era o único que recebia essas revelações. Há documentos que contam que diferentes irmãos recebiam revelações diretas de Deus sem a mediação de Ferreira. O curioso do posterior desenvolvimento do culto da IEB, tal e como hoje o encontramos, é que as revelações, embora aconteçam, não são a característica do culto e menos ainda o caminho legítimo para determinar a verdade religiosa. Então cabe a pergunta seguinte: o que aconteceu com essa marca registrada da revelação direta com a qual e pela qual Ferreira surgiu como líder do novo grupo religioso? Já se passaram 126 anos e a IEB continua falando na revelação direta, mas ela é pouco freqüente e parece ter ficado apenas como uma marca de suas origens.

As revelações que temos escutado contar em alguns cultos têm o elemento comum de fazer sempre referência às origens. O funda-

20 A informação me foi fornecida por Israel Menezes, irmão do presbítero Miguel Menezes. Israel é mestre em música e é ele que coordena a parte musical. Entrevista feita no Rio de Janeiro em 2 de julho de 2000.

dor ou o Filho da Promessa sempre aparece nas visões que os irmãos ou irmãs dizem ter experimentado. Percebemos, assim, que a revelação, quando acontece, está sempre a serviço da tradição já estabelecida.

O processo de construção da nova tradição foi longo e não acabou nem com o primeiro nem com o segundo pastor. É no terceiro pastorado que a tradição começa a se definir, e no quarto pastorado se deram os passos decisivos para fechar a tradição. Já discutimos o surgimento do NTTE, mas resgatamos ainda a idéia de que o discurso dos fundadores e pastores passou, ao longo de quase 70 anos, a se constituir na referência para sancionar ou determinar as verdades religiosas da IEB. Uma vez que esses discursos se colocam no texto sagrado, sem querer nem pensar nisso, a liderança estava definindo a interdição de qualquer outra revelação de importância. A revelação acaba, assim, interdita pela tradição. Tradição que, por sua vez, funda-se numa revelação.

Não temos informação suficiente para dizer se os fundadores continuaram enfatizando e incentivando a revelação direta e sem a mediação dos especialistas, mas os discursos do fundador e do sucessor mostram que o culto da IEB desde seus primórdios já era bastante desencantado. É fato conhecido como o discurso protestante contribuiu para desencantar o culto. O aspecto misterioso do culto cristão se escondia precisamente naquilo que parecia mais conhecido: os ritos. Os ritos constituíam o lado mágico do culto, porque ficavam sempre sem explicação, ou melhor, não precisavam dela. Nesse sentido, os ritos contribuem para manter o lado misterioso, encantador do culto. Diferentemente, ou melhor, divergentemente – porque se separa progressivamente do rito –, o discurso conduz ao desencantamento do culto, contribuindo para o enfraquecimento de seu lado misterioso e inexplicável. Tudo indica que a revelação que marcou o início da experiência religiosa de Ferreira nunca conseguiu hegemonia, precisamente por causa das exigências da nova tradição em construção.

## CONCLUSÃO: A TRANSMISSÃO RELIGIOSA DE LONGA DURAÇÃO

A transmissão da tradição, articulada em torno do fundador e dos textos sagrados, acontece na Escola Dominical e nas famílias. Na Escola Dominical crianças e jovens recebem instrução sobre as origens, discursos e experiências de Miguel Vieira Ferreira. Esses ensinamentos são logo apresentados a toda a congregação pelos alunos da Escola Dominical por meio de parágrafos que se repetem de memória. São os “recitativos”, que nunca faltam em cada culto de domingo pela manhã. A transmissão da tradição acontece também nas famílias. A totalidade dos membros da IEB com os quais conversei manifesta ter “nascido na Igreja”. O conjunto de membros é composto assim de avós, pais, filhos e netos. As gerações vão sucedendo-se e a tradição religiosa vai passando de uma geração para outra com enorme eficácia. O crescimento da igreja não é por novos convertidos e sim pela transmissão da tradição de uma geração para a seguinte. O crescimento por conversão, comum entre os pentecostais, é mais rápido e demanda menos trabalho educativo para a instituição religiosa. A IEB constitui um sistema religioso que se reproduz não pelo caminho da conversão e sim pelo caminho da educação, processo mais vagaroso, de resultados a médio e longo prazo, muito diferente de uma religião de emoção que, regra geral, se reproduz pelo caminho das conversões e com resultados instantâneos. Para uma religião de discurso, orientada a desenvolver identidades religiosas profundas, temos que avaliar a eficácia de seu sistema de transmissão longe dos números, a não ser que se leve em consideração o número de anos que indivíduos e famílias permanecem na igreja.

Arígida ordem do culto, característica do protestantismo, é desnecessária quando, no lugar do orador, temos, no centro do culto, um animador das emoções, um provocador dos êxtases coletivos, como acontece nos pentecostais. É graças ao rigor dis-

cursivo e suas conseqüências que o culto protestante se constituiu em espaço eficaz de propagação de idéias religiosas formadoras de identidade religiosa duradoura. O culto era um verdadeiro espaço de instrução religiosa que tinha seus complementos no estudo bíblico, na Escola Dominical, no culto familiar e na leitura pessoal da Bíblia. Também as redes de família e o comunitarismo entre os membros de cada congre-

gação serviam como reforço da identidade religiosa que ia passando de geração para geração. Dessa maneira, o protestantismo conseguia minimizar o efeito da liberdade do discurso interpretado. A Igreja Evangélica Brasileira é uma fiel herdeira desse sistema de transmissão religiosa. Depois de 126 anos ainda conserva e tira proveito desse sistema conseguindo passar as suas verdades de uma geração para outra.

---

## BIBLIOGRAFIA

- CARVALHO, José Murilo de. *Os Bestializados. O Rio de Janeiro e a República que Não Foi*. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.
- FERREIRA, Júlio Andrade. *História da Igreja Presbiteriana no Brasil*, I e II. 2ª ed. São Paulo, Casa Editorial Presbiteriana, 1992.
- FERREIRA, Miguel Vieira. *Ensaio sobre a Filosofia Natural ou Estudos Cosmológicos*. Rio de Janeiro, Typografia de Peixoto, 1861.
- \_\_\_\_\_. *O Cristo no Júri*. Rio de Janeiro, IEB, 1991.
- FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. *Homens Livres na Ordem Escravocrata*. 4ª ed. São Paulo, Unesp, 1997
- HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence (orgs.). *A Invenção das Tradições*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1997.
- IEB — Igreja Evangélica Brasileira. Fascículo I, 7ª Edição, 108ª aniversário da fundação da Igreja, 150ª aniversário do nascimento de Doutor Miguel Vieira Ferreira, 1987.
- IEB — Igreja Evangélica Brasileira. *Excertos de Grande Utilidade para os Membros da Igreja. Diáconos — Presbíteros*. Fascículo III, 3ª ed., 3ª parte. 44ª Aniversário do Pastorado de Israel Vieira Ferreira, 1955.
- LEITE, Renato Lopes. *Republicanos e Libertários. Pensadores Radicais no Rio de Janeiro (1822)*. Rio de Janeiro, 2000.
- LÉONARD, Émile-Guillaume. *L'illuminisme dans une Protestantisme de Constitution Récente (Brésil)*. Paris, PUF, 1953.
- \_\_\_\_\_. *O Protestantismo Brasileiro*. São Paulo, Aste, 2002.
- MEIRELES, Mario. *História do Maranhão*. São Paulo, Siciliano, 2001.
- MENDONÇA, Antonio. *O Celeste Porvir. A Inserção do Protestantismo no Brasil*. São Paulo, Aste, 1995.
- \_\_\_\_\_. "República e Pluralidade Religiosa no Brasil", in *Revista USP*, nº 59. São Paulo, CCS-USP, set.-nov./2003.
- MENDONÇA, Antonio; VELASQUES, Prócoro. *Introdução ao Protestantismo no Brasil*. São Paulo, Loyola, 1990.
- PRADO, Mary Vieira Ferreira. *Sublime Amor*. São Paulo, Drumond, 1974.
- RANCIÈRE, Jacques. *Le Maître Ignorant*. Paris, Fayard, 1987.
- RIVERA, Paulo Barrera. "Religião e Regeneração Social no Maranhão. A Construção de Mentalidade Laica nas Elites Sociais no Brasil Pré-republicano", in *Ciências Sociais e Religião*, ano 6, nº 6, Porto Alegre, 2004.
- VASCONCELOS, Maria Celi Chaves. *A Casa e os Seus Mestres. A Educação no Brasil de Oitocentos*. Rio de Janeiro, Gryphus, 2005.
- VIEIRA, David Gueiros. *O Protestantismo, a Maçonaria e a Questão Religiosa no Brasil*. Brasília, UnB, 1980.